

O INTERESSE FEMININO PELO FUTEBOL NA ESCOLAWiller Soares Maffei¹, Carlos Eduardo Lopes Verardi¹, Bruno Jacob de Carvalho¹**RESUMO**

O consenso de que o futebol é um dos conteúdos mais presentes nas aulas de Educação Física, nem sempre se aplica quando referido à prática feminina. Esse estudo tem como objetivo apresentar a perspectiva de alunas do Ensino Médio sobre o interesse na prática do Futebol feminino nas aulas de Educação Física nas escolas públicas estaduais do município de Santa Cruz do Rio Pardo-SP. Foi utilizado questionário com questões abertas e parcialmente abertas aplicado a 47 participantes. Utilizou-se como referencial pressupostos da teoria da relação com o saber proposta por Bernard Charlot. Foram utilizadas na pesquisa análise de conteúdo e análise quantitativa, descrevendo a frequência absoluta e relativa. Os resultados indicam que 70% das participantes passaram por experiências com o esporte na escola. Em relação ao interesse pela prática, sentimentos positivos como "gostar, achar legal e interessante" foram os principais motivos apontados, enquanto que, os sentimentos negativos, como "não gostar e não agradar", além de impedimentos por parte dos meninos e falta de colegas praticantes para jogarem juntas na aula foram apontados como motivos que as levam ao desinteresse. Conclui-se que aspectos intrínsecos e extrínsecos influenciam a participação de alunas na prática de Futebol nas aulas, sendo que o professor tem acesso, por lógica, apenas aos fatores extrínsecos. Por isso, é importante o trabalho com esse conteúdo na escola e o estímulo para que elas também pratiquem, em turmas mistas ou exclusivamente femininas, para que, assim, possam construir sentidos e atribuir valor maior ou menor à modalidade em suas vidas.

Palavras-chave: Futebol. Educação Física. Interesse. Desinteresse.

1-Universidade Estadual Paulista-UNESP, Campus de Bauru, Faculdade de Ciências, Departamento de Educação Física, Bauru, São Paulo, Brasil.

E-mail dos autores:
willer.maffei@unesp.br
carlos.verardi@unesp.br
bruno_jc94@hotmail.com

ABSTRACT

Women's interest by football in school

The consensus that football is one of the most present contents in Physical Education classes does not always applies when referring to female practice. This study aims to present the perspective of High School female students on their interest in practicing football in Physical Education classes in state public schools in the town of Santa Cruz do Rio Pardo-SP. A questionnaire containing open questions and partially open questions was administered to 47 participants. Referential assumptions from Bernard Charlot's theory of Relation to Knowledge were used in order to provide theoretical understanding on the subject. Data analysis was performed using both content and quantitative analysis, describing the absolute and relative frequencies. The results indicate that 70% of the participants had had experiences with sports at school. Concerning interest in practicing, positive feelings like "liking, finding it nice and interesting" were the main reasons pointed out, while negative feelings, such as "disliking and not finding it pleasant", besides boys' resistance on accepting them and lack of other female practitioners were pointed out as reasons that lead them to disinterest. It is concluded that intrinsic and extrinsic aspects influence the participation of female students in practicing football during Physical Education classes, and the teacher can access, by logic, only the extrinsic factors. Therefore, it is important to work this content at school and encourage girls to practice either in mixed or exclusively female classes, so that they can build meanings and assign greater or lesser value to the modality in their lives.

Key words: Football. Physical education. Interest. Disinterest.

Autor correspondente:
Av. Eng. Luiz Edmundo Carrijo Coube, 14-01.
Vargem Limpa, Bauru-SP.
CEP: 17033-360.

INTRODUÇÃO

Não é novidade a afirmação que o futebol e do futsal são os conteúdos mais presentes nas aulas de Educação Física das escolas brasileiras. Eles são compreendidos como força da cultura e como o esporte mais conhecido pelos alunos.

No entanto, quando se refere à prática dessas modalidades por alunas, há uma mudança de posição, visto que são muitas as dificuldades encontradas por elas nas aulas.

Entre as dificuldades, pode-se citar um suposto preconceito, possível gerador de menores oportunidades (Martins e colaboradores, 2016), e a falta de relação entre o futebol e a vida das jovens estudantes.

Souza Júnior e Darido (2002) assinalam que um dos motivos que teria propiciado menor interesse das mulheres pelo futebol seria o número reduzido de participação e oportunidades destinadas a elas nas aulas de Educação Física em décadas passadas. Isso pode guardar relação com as características do esporte, que era mais violento se comparado a atualidade (Wilson, 2016).

Se há necessidade de se trabalhar o futebol na escola, uma vez que, conforme afirma Betti (1992), a Educação Física Escolar tem papel fundamental na preparação do cidadão que usufruirá programas de ginástica, musculação, natação, futebol, etc., ao professor de Educação Física cabe a tarefa de considerar aspectos contextuais na sua tomada de decisão quando o assunto é a prática do futebol na escola.

Com papel bem definido na escola, é interessante que o professor de Educação Física ajude o aluno a descobrir motivos e sentidos para as práticas corporais.

Assim, contribui para que o aluno construa atitudes positivas, conhecendo e compreendendo suas vontades e emoções em relação às práticas.

Por outro lado, a confusão pedagógica que descaracteriza a finalidade da aula de Educação Física, levando-a ao entendimento como uma atividade não séria, ao desenvolvimento/prática esportiva voltada ao fim em si mesma, pode levar o aluno ao insucesso, abandono, afastamento ou fracasso na Educação Física (La Taille, 2002; Ferreira e colaboradores, 2016; Del Luca e colaboradores, 2015; Chicati, 2008).

Diante disso, o estudo parte do pressuposto que a Educação Física na escola

não é uma disciplina que apenas tem um conteúdo a ensinar, mas também, um componente escolar que propõe algo aos alunos aprenderem. É imprescindível, portanto, considerar o aluno como protagonista do processo de ensino e aprendizagem, que mobiliza e produz saberes e, por esse motivo, deve ser ouvido. A esse respeito, o conhecimento do aluno deve ser valorizado no processo de ensino/aprendizagem ao assegurarem a necessidade de ouvir os próprios alunos,

[...] de modo a possibilitar uma melhor compreensão de seus pontos de vista frente à disciplina, e assim contribuir com um diagnóstico mais aprofundado e teoricamente mais elaborado dos problemas didático-pedagógicos enfrentados por essa disciplina (Betti e colaboradores, 2015, p. 4).

Porém, essa prática não tem sido muito comum nas escolas e no âmbito da produção científica na área da Educação Física.

Nesse sentido, na tentativa de avançar teoricamente na compreensão do tema, utilizou-se como referencial para esse estudo pressupostos da teoria da relação com o saber apresentada por Bernard Charlot (2000).

Charlot (2000), desenvolve três conceitos que são de sua importância para a compreensão da Teoria da Relação com os Saberes: mobilização, atividade e sentido. Para o autor, é por meio das relações e da mediação que o ser humano se mobiliza na busca de seus interesses. A “mobilização”, coloca o sujeito em movimento na busca de interesses e sentidos, gerando, por sua vez, a ação ou “atividade”. O “sentido” advém do estabelecimento de relações com o mundo e com os outros, ou seja, é o que liga o objetivo à atividade. O sentido se refere à importância, ao valor e, mais que isso, ao significado de algo para alguém. A significação pode levar ao desejo, que mobiliza o sujeito e se torna propulsor da atividade. Em outras palavras, sendo o patrimônio humano interminável, só se mobiliza ou se busca apropriação de saberes quando há interesse, ou seja, quando algo faz sentido de acordo com a história do sujeito (Betti e colaboradores, 2015).

Para Charlot o saber é uma relação da pessoa com o mundo, com ela própria e com os outros, de tal forma que esse saber adquire valor e sentido justamente por tais relações. Portanto, saber é diferente de informação e conhecimento: a “informação” é exterior ao sujeito, o “conhecimento” se dá pelas suas

experiências pessoais, que possuem qualidades afetivo-cognitivas, e o “saber”, por sua vez, é a informação apropriada pelo sujeito, produzido em confrontações a outros (Charlot, 2000).

A forma como cada um se relaciona com o saber pressupõe o encontro entre a experiência individual e social do sujeito. Identitariamente, pode-se dizer que o aprender se baseia na história, expectativas, concepções de vida e, mais especificamente, na imagem que o sujeito tem de si mesmo e a que quer passar para seu entorno. Socialmente, é necessário considerar a preferência de cada pessoa por uma ou outra figura do aprender com base na sua posição social, o que, pressupõe a existência de diferentes formas de apropriação dos saberes já existentes no mundo, os quais são denomina como figuras do aprender, que segundo Charlot (2000) compreendem: (a) objeto-saber: conteúdos presentes em livros, vídeos, artigos...; (b) objetos que se aprende a utilizar: pente, smartphone...; (c) atividades para dominar: escrever, jogar futebol...; (d) dispositivos relacionais: trata-se de aprender a relacionar-se com outras pessoas (cumprimentar, namorar...).

Para apropriação desses diferentes saberes, cada indivíduo procede de uma maneira particular, considerando local e espaço onde vive, momento e tempo histórico, pessoas com quem se relaciona, direta ou indiretamente, e oportunidades.

Diante disso, epistemologicamente, o autor assinala, por exemplo, que aprender pode ser a passagem da não-posse a posse (no caso dos objetos-saberes, quando o conhecimento adveio de livros, pessoas) ou do não-domínio ao domínio (de um objeto, atividade ou relacionamento consigo mesmo e entre pessoas).

Dessa forma, não é a mera acumulação de conteúdos que deve ser o foco da Educação, mas sim o processo de obtenção da relação de saber com o mundo. Nesse processo, é essencial considerar o sujeito encarnado, ativo, temporal, afetivo, provido de identidade própria, já que as relações também se dão consigo mesmo e com o outro (Charlot, 2000).

Diante disso, essa pesquisa se justifica, uma vez que, se propõe a conhecer o sentido que as ações desenvolvidas no cotidiano das aulas de Educação Física promovem nas alunas, em especial, das ações desenvolvidas com o futebol, o que elas

sentem ao praticá-lo, quais os elementos deste cotidiano que, por ventura, se relacionam com a modalidade e se realmente é um elemento da cultura atrativo para todas.

Por tanto, o objetivo desse estudo é apresentar a perspectiva de alunas do Ensino Médio sobre o interesse na prática do Futebol feminino nas aulas de Educação Física nas escolas públicas estaduais do município de Santa Cruz do Rio Pardo, Estado de São Paulo.

MATERIAIS E MÉTODOS

Trata-se de um uma pesquisa de caráter quantitativo e qualitativo, uma vez que os eventos estudados foram contabilizados e, além disso, procurou-se compreender como eles se dão. Métodos de pesquisas mistos combinam ambas as formas e objetivam mensurar acuradamente um construto específico e comparar grupos acompanhados de uma análise das experiências humanas examinadas dentro de cada contexto. Isso porque, mesmo ao elaborar um instrumento de pesquisa quantitativo, existem escolhas subjetivas e, ao analisar os dados, existem interpretações pessoais. A subjetividade está diretamente relacionada com todos os métodos de investigação, uma vez que os processos são derivados de reflexões e concepções individuais (Dal-Farra e Lopes, 2013).

Por esse motivo, pode-se afirmar que as duas formas de inquérito são compatíveis e podem ser usadas sequencialmente ou simultaneamente, a partir da natureza dos dados que se pretende levantar e obter (Morais e Neves, 2007).

Para coleta das informações foi utilizado um questionário misto, com oito perguntas abertas e parcialmente abertas. As perguntas foram fundamentadas em estudos anteriores de Kerne (2014); Betti e Liz (2003) e Souza Junior e Darido (2002).

Antecedendo a aplicação do questionário, foi entregue e posteriormente recolhido o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) para que as alunas levassem para casa e seus pais ou responsáveis autorizassem, ou não, a participação no estudo. Juntamente, estava o Termo de Compromisso do Pesquisador (TCP).

Destaca-se que esse projeto de pesquisa foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade de Ciências da

Universidade Estadual Paulista (Número do Parecer: 1.353.569).

Participaram da pesquisa 47 alunas do 3º Ano do Ensino Médio de quatro escolas estaduais do município de Santa Cruz do Rio Pardo, Estado de São Paulo. A amostra foi intencional pelo fato de estarem presentes na aula no dia da coleta. Para constituição da amostra foi realizado inicialmente o contato com a direção das escolas. Após aprovação por parte das gestoras de cada escola, foi agendada uma aula para aplicação do instrumento, com a presença do professor da disciplina em cada unidade de ensino.

Para a análise qualitativa dos dados, foi utilizada a análise de conteúdo (Bardin, 2011), sendo que, após uma primeira leitura das respostas, foi feita a releitura e a identificação de unidades de análise. Estas, isoladas, geraram unidades de contexto, mais amplas para interpretação.

De posse disso, foi realizada a categorização dos dados segundo os critérios definidos por Bardin (2011) - pré-análise, exploração do material e tratamento dos resultados/interpretação. Na análise quantitativa, foram utilizadas planilhas do Excel para encontrar as frequências absolutas e relativas dos relatos de acordo com as categorias definidas.

Para preservação do anonimato das participantes, elas foram enumeradas de 1 a 47, com base na sequência de recebimento dos questionários respondidos.

RESULTADOS

Ainda que se trate de um questionário com oito questões, os resultados aqui apresentados dizem respeito apenas às questões de 2 a 4, pois trouxeram as informações mais relevantes. Após a leitura das informações trazidas no instrumento aplicado, os dados gerados na pesquisa foram separados e classificados em categorias temáticas.

Assim, as respostas geraram duas unidades de análise: "Interesses" e "Motivos" que levam a prática do futebol na escola por parte das meninas.

Por sua vez, estas geraram as unidades de contexto que foram classificadas em subcategorias, e que serão apresentadas em seguida.

A categorização final foi realizada contrapondo subcategorias positivas, segundo

as quais há adesão das meninas para prática do futebol na escola, e subcategorias negativas, segundo as quais não ocorre essa adesão, gerando, portanto, as categorias Interesse e Desinteresse.

Motivos que levam ao interesse e desinteresse pelo futebol

As questões utilizadas para levantar os motivos que levam as alunas a se mobilizarem para a prática do Futebol nas aulas de Educação Física foram as questões 2 e 3 (Q2 e Q3).

Inicialmente, as participantes responderam as questões alternativas "Sim" e "Não", apresentando em seguida a justificativa para tal resposta. É importante destacar que nem todas apresentaram devidamente as justificativas e algumas das respostas foram demasiadamente curtas e, por vezes, desconexas das perguntas.

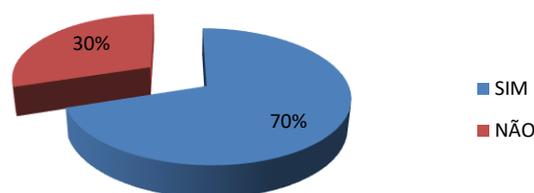
A Figura 1 exibe o percentual de meninas que relataram ter alguma experiência com o Futebol na Educação Básica.

De acordo com a figura, houve maior incidência de respostas para "sim", ou seja, grande maioria das participantes já vivenciou o Futebol nas aulas, porém os comentários em relação à prática foram variados.

Tendo como base os conceitos de Charlot (2000), as menções positivas em relação às experiências, conforme justificativas apresentadas para a Q2, foram classificadas na categoria Interesse/Sentido (Tabela 1), isto é, as meninas se interessam e gostam do esporte, mobilizam-se para praticá-lo e sentem algo de positivo ao fazê-lo. A tabela a seguir apresenta as frequências "absoluta" e "relativa", tendo como base o total de menções positivas.

As participantes foram bastante concisas nas palavras, sendo que para "Sentimentos positivos" a maior incidência de respostas apresentou termos como: "Legal / Gostei / Muito Bom". E, em menor proporção: "Satisfatório / Emocionante / Interessante".

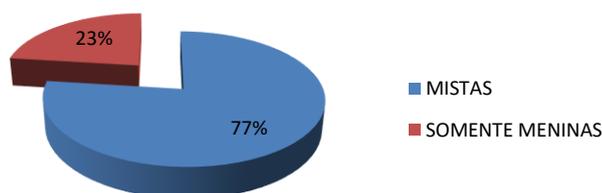
Por outro lado, os comentários negativos foram categorizados como Desinteresse (Tabela 2), ou seja, elas não gostam ou não se interessam e, por isso, não se mobilizam para praticá-lo. Na tabela apresentada a seguir estão disponibilizadas as frequências absoluta e relativa, relacionada às menções negativas.

**Figura 1-** Experiência com o Futebol nas aulas de Educação Física (Q2).**Tabela 1 -** Motivos que levam ao interesse pelo futebol.

Subcategoria positiva	n	%
Sentimentos positivos	38	90,5
Novos aprendizados	3	7,1
Movimentação do corpo	1	2,4
Total	42	100,0

Tabela 2 - Motivos que levam ao desinteresse pelo Futebol.

Subcategoria negativa	n	%
Sentimentos negativos	19	35,8
Meninos não deixam	12	22,6
Outros	12	22,6
Praticantes insuficientes	10	19,0
Total	53	100,0

**Figura 2 -** Organização das turmas para prática do Futebol nas aulas de Educação Física.

No item Outros, as citações se referem à falta de habilidade, lógica do esporte, oportunidades para jogar, tempo e cansaço ao praticá-lo. Nos Sentimentos negativos foram utilizados termos como: “Não gosto / Não me agrada / Não curto”.

Um número menor de alunas chama atenção para a existência do monopólio dos meninos em relação a prática do Futebol, quando esse é o conteúdo da aula de Educação Física:

“Os meninos não deixam” (Alunas 2, 4, 11, 37, 38, 41);

“Os meninos não gostam que a gente jogue” (Alunas 12, 13, 42);

Ou, ainda, pela violência / masculinização do esporte:

“Meninos são brutos” (Alunas 2, 14);

“É um esporte violento” (Aluna 17);

“É um esporte masculinizado” (Aluna 36).

As respostas apontadas pelas participantes guardam relação com a forma como as aulas de Educação Física são propostas.

Na Figura 2, composta por respostas da Q4 (Como são compostas as turmas que jogam futebol em sua escola quanto ao sexo?), parcela significativa das participantes afirma que as turmas são mistas (77%). Dentre estas, 58,3% acham bom e importante que sejam assim. Isso pode ser percebido em comentários como:

“É correto” (Alunas 5, 6, 7);

“É normal” (Alunas 7, 34);

“Aprendemos a jogar juntos” (Alunas 3, 14, 15, 18).

Da mesma forma que algumas participantes entendem que a coeducação

(experiências com as turmas mistas) é positiva, outras apresentam algumas ressalvas quanto à prática com os meninos:

“Meninos são mais fortes” (Alunas 2, 30, 31, 46);

“Devem ter um cuidado a mais” (Aluna 43, 44);

“É perigoso” (Aluna 31);

“Pode machucar” (Aluna 23);

“Acontecem discussões sem necessidade” (Aluna 30);

“Quando [as meninas] jogam, pouco participam do jogo” (Aluna 37).

Outras onze meninas (23%) relataram que, quando jogam, as turmas são exclusivamente femininas. Dentre essas, cinco argumentaram a favor desta composição, tendo como exemplo os comentários:

“[...] algumas meninas não jogam mistas pois têm medo de se machucar” (Aluna 27);

“Correto levando em consideração a força e preparo dos meninos” (Aluna 33);

“Ótimo pois não tem perigo dos meninos nos machucarem” (Aluna 35).

Cinco delas não acham correto as turmas serem só composta por meninas, sendo que as respostas a seguir chamam atenção:

“Ridículo, porém não tem muito incentivo para as meninas jogarem, pelos próprios meninos” (Aluna 12);

“Deveriam ser mistas para tentar combater o preconceito” (Aluna 36).

DISCUSSÃO

Analisando os dados contidos nas tabelas percebe-se que as relações das meninas com o Futebol são diversas e, ainda que, boa parte pareça ter relações positivas com o Futebol providas das próprias experiências e história de vidas, o mesmo não ocorre com outras colegas.

Retomando os pressupostos da teoria da relação com o saber apresentada por Charlot (2000), só se mobiliza e investe esforços em algo quando se vê sentido naquilo, tendo o desejo como propulsor destes esforços. Tudo isso de acordo com as relações construídas com este objeto ao longo da história e formação do sujeito.

As falas das participantes trazem evidências sobre o resultado das experiências realizadas futebol. Autores como Betti (2007), têm demonstrado que experiências corporais transformam o conhecimento antes abstrato em concreto, de tal sorte que este adquire significado para o sujeito, pois ele constrói

sentido a partir da prática. A partir daí ele tem mais condições de avaliar se este saber interiorizado lhe é útil e/ou é do seu agrado ou não, ou seja, se ele se mobilizará ou não em busca de novas atividades.

Contrastando as respostas das entrevistadas com as ideias do autor, há evidências de que boa parte das participantes se mobilizam para as atividades e isso promove sentido à prática. Parte significativa das participantes interiorizou um sentido e um significado positivo em relação a prática do futebol na sua vida, se interessando mais pelo tema e por mais experiências. Tais informações são confirmadas pela positividade dos relatos: “legal (alunas 2, 15, 19, 30, 32, 37, 39, 42 e 44) / gostei (alunas 7 e 8) / foi bom (alunas 14, 23, 24, 25 e 27) / emocionante (aluna 2)”, de forma que o significado e as experiências positivas levaram ao interesse pelo esporte.

As figuras do aprender propostas por Charlot (2000) nos auxiliam a compreender a forma como as participantes se relacionam com o conteúdo (positividade/negatividade).

As figuras estão intimamente ligadas ao sentido que se estabelece em determinado saber, pois é difícil [querer] aprender algo que não se vê interesse e/ou valor, de acordo com o contexto e tempo histórico, as oportunidades e pessoas com quem se tem contato.

As experiências com o futebol se relacionam ao menos a duas figuras do aprender propostas por Charlot (2000) (atividades para dominar e dispositivos relacionais). As meninas que afirmaram ter motivos para aderir ao esporte, encontraram motivos geradores de comportamentos de sociabilização e coeducação interiorizados pela prática, que é a figura do aprender denominada por Charlot (2000) como “dispositivos relacionais”.

Tais experiências, sejam positivas ou negativas, guardam relação direta com a história pessoal do sujeito, ou seja, foram realizadas em determinado momento da vida de cada participante, num determinado contexto, inclusive nas aulas de Educação Física e propiciaram a construção de diferentes sentidos por eles, visto que, o sentido se constrói “no” e “pelo” sujeito.

Todavia, para alguns participantes, não houve a apropriação deste saber, por inúmeras e particulares razões, entre elas, chama atenção o fato dos dispositivos relacionais, apresentado por um grupo de participantes como fator mobilizador para a

atividade, também evidenciar na fala de outras justificativas para experiências negativas com o Futebol e possível motivo que as leva a não se mobilizarem e constroem sentidos positivos em relação ao Futebol, causando desinteresse e afastamento dessas experiências.

Em síntese, o comportamento de uma parcela das participantes da pesquisa de não adesão ao Futebol pode ser explicado por fatos negativos que porventura ocorreram em vivências passadas, como atritos com os meninos, por eles jogarem com mais força e violência e pelo próprio preconceito dos meninos quanto a participação das meninas nas experiências com Futebol. Em outras palavras, estes últimos são fatores responsáveis por não despertarem o desejo que leva a mobilização e a atividade do sujeito.

É importante também destacar que as atividades de domínio não foram apontadas pelas participantes como responsáveis pela construção de sentimentos negativos que levam ao desinteresse pela prática do Futebol.

Os dados apresentados nos permitem compreender que a motivação das meninas para a prática do Futebol na escola é algo intrínseco a algumas participantes, assim como o é para parte dos meninos não ver sentido neste esporte para suas vidas, sendo que não cabe a ninguém forçá-las a gostar (Charlot, 2000).

Porém, é fundamental enfatizar a necessidade de ofertar o conteúdo Futebol para todos e todas, em igualdade de condições e incentivo, já que é mais fácil gostar, interessar-se e ver sentido naquilo que conhecemos melhor. Destaca-se, inclusive, que a igualdade de condições pode não ser jogar conjuntamente em turmas mistas. Algumas das próprias meninas relatam que não se sentem bem jogando com os meninos, principalmente pelas diferenças biológicas. Às vezes, igualdade de condições é criar espaços para que elas possam jogar entre si, assim como os meninos jogam entre eles.

É fundamental ressaltar que, embora tenham sido evidenciadas informações significantes em relação ao tema, a pesquisa encontra limitações na amostra que poderia ter maior amplitude, porém alcançou limitações devido ao número de escolas do município. Sugere-se como estudos futuros, reforçar ou contrariar as informações aqui apresentadas, investigando mais a fundo a temática, com número maior de participantes de diferentes

ou do mesmo ano ou nível escolar e em diferentes regiões do país, em busca de maior compreensão sobre os motivos que levam ou não as alunas à prática do futebol na escola, podendo também incluir alunos na pesquisa.

CONCLUSÃO

Antes de tecer algumas considerações a respeito do trabalho apresentado, é importante retomar o objetivo desta pesquisa, que se propôs a identificar a perspectiva de alunas do Ensino Médio sobre a prática do Futebol feminino nas aulas de Educação Física nas escolas públicas estaduais do município de Santa Cruz do Rio Pardo-SP.

Em função dos dados apresentados foi possível perceber que, segundo as participantes da pesquisa, o Futebol é marcado por posicionamentos polarizados, visto que é um dos esportes preferidos pelas alunas, porém é também um dos mais rejeitados.

Esse interesse advém das relações que tal esporte mantém com a vida das participantes neste determinado momento, sendo que, para as primeiras, haverá maior mobilização e chance desse saber ser adquirido.

As demais não se mobilizam para a atividade uma vez que não encontram sentido e significado nesse saber.

Aspectos da lógica interna e externa do Futebol, assim como os relacionamentos interpessoais que a prática proporciona influenciam diretamente a participação das alunas.

Para aquelas que apresentam aderência às experiências com o Futebol, o interesse se dá pelas experiências positivas com quem se aprendeu e com quem se jogou.

Por sua vez, quando as experiências são negativas, por lesões (ainda que simples) ou por comportamentos inadequados das pessoas do contexto da prática, inclusive dos meninos, elas não encontram motivos para mobilizarem para a atividade e o desinteresse prevalece.

A prática do Futebol na escola, quando realizada em turmas mistas, é vista como positiva, porém há ressalvas como os cuidados extras dos meninos durante as práticas.

A falta desses cuidados torna-se um empecilho para elas e abre a possibilidade para que grupos exclusivamente femininos sejam constituídos quando a atividade da aula

seja relacionada à prática do Futebol. Ressalta-se que, em alguns momentos, a separação da turma entre meninos e meninas pode favorecer a mobilização para a atividade.

É importante ressaltar, também, que a literatura vem insistindo em temas como preconceito, afirmando que esse é o principal motivo do distanciamento das alunas com a prática do Futebol na escola.

Porém, este estudo não trouxe evidências desse fator como preponderante. Apesar de ser um fator a ser considerado e trabalhado com cautela, parece que não é um esporte atrativo para todas, sendo algo absolutamente normal.

Para os docentes de Educação Física, reforça-se a importância do trabalho com o conteúdo Futebol e/ou Futsal nas aulas, uma vez que é um dos papéis da Educação Física proporcionar espaço para vivenciar a maior quantidade possível de elementos da cultura, ao trabalhar o sujeito em movimento, seus contextos particulares e os significados deste movimento.

REFERÊNCIAS

- 1-Bardin, L. Análise de conteúdo. 3ª edição. Lisboa: Edições. 2011.
- 2-Betti, M. Ensino de 1º e 2º, graus: educação física para quê? Revista Brasileira de Ciências do Esporte. Vol. 16. Num. 3. p. 282-287. 1992.
- 3-Betti, M. Educação física e cultura corporal de movimento: uma perspectiva fenomenológica e semiótica. Journal of Physical Education/UEM. Vol. 18. Num. 2. p. 207-217. 2007.
- 4-Betti, M.; Maffei, W.S.; So, M.R.; Ushinohama, T. Z. Os saberes da Educação Física na perspectiva dos alunos do ensino fundamental: o que aprendem e o que gostariam de aprender. Revista Brasileira de Educação Física Escolar. São Paulo. Vol 1. p. 155-165. 2015.
- 5-Betti, M.; Liz, M.T.F. Educação física escolar: a perspectiva de alunas do ensino fundamental. Motriz. Vol. 9. Num. 3. p. 135-142. 2003.
- 6-Charlot, B. Da relação com o saber: elementos para uma teoria. Porto Alegre. Artmed. 2000.
- 7-Chicati, K.C. Motivação nas aulas de educação física no ensino médio. Journal of Physical Education/UEM. Vol. 11. Num. 1. p. 97-105. 2008.
- 8-Dal-Farra, R.A.; Lopes, P.T.C. Métodos mistos de pesquisa em educação: pressupostos teóricos. Nuances: estudos sobre Educação. Vol. 24. Num. 3. p. 67-80. 2013
- 9-Del Luca, G.F.; Nahas, M.V.; Garcia, L.M.T; Peres, M.A. Como gênero e escolaridade interagem nos padrões de inatividade física em diferentes domínios em adultos? Revista Brasileira de Educação Física e Esporte. Vol. 29. Num. 4. p. 653-661. 2015.
- 10-Ferreira, A.F.; Rufino, L.G.B.; Diniz, I.K.D.S.; Darido, S. C. Secondary education student bodily practices: Implications of gender in and out side physical education classes. Motriz: Revista de Educação Física. Vol. 22. Num. 1. p. 72-83. 2016.
- 11-Kerne, F. Futebol feminino na escola na perspectiva de alunas do ensino fundamental. Revista Brasileira de Futsal e Futebol. Vol. 6. Num. 22. p 278-285. 2014.
- 12-La Taille, Y. O sentimento de vergonha e suas Relações com a Moralidade. Psicologia: Reflexão e Crítica. Vol. 15. Num. 1. p. 13-25. 2002.
- 13-Martins, L.M.; Bacurau, A.E.S.; Jardim, P.P.; Neto, J.C.S.; Oliveira, F.M.C. O futsal feminino em escolas da rede pública e privada de Ensino médio da cidade de Crato-CE. In: Anais do III Congresso Nacional de Educação. CONEDU. Crato. 2016.
- 14-Morais, A.M.; Neves, I.P. Fazer investigação usando uma abordagem metodológica mista. Revista Portuguesa de Educação. Vol. 20. Num. 2. p. 75-104. 2007.
- 15-Souza Júnior, O.M.; Darido, S.C. A prática do futebol feminino no ensino fundamental. Motriz: Revista de Educação Física. Vol. 8. Num. 1. p. 01-09. 2002.
- 16-Wilson, J. A pirâmide invertida: A história da tática no futebol. KasaFutebol Editora LTDA-Grande Área. 2016.

Recebido para publicação em 29/05/2019
Aceito em 19/06/2019